



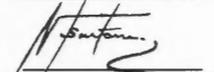
CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Requerimento nº 1343 /2019

Autoria: **Vereadora Thainara Faria**

Despacho: À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 12 SET. 2019


Presidente

Requeiro, observado o artigo 211-A, do Regimento Interno, que fique constando nos anais desta Casa de Leis a matéria produzida pelo 'Blog Página Cinco – UOL' no dia 04 de Setembro de 2019, sob o título "Livro deixa claro por que truculentos e autoritários odeiam Paulo Freire".

Dê-se conhecimento desta deliberação ao jornalista **Rodrigo Casarin, autor do Blog Página Cinco.**

Sala de sessões Plínio de Carvalho, 10 de setembro de 2019


THAINARA FARIA
Vereadora



13:08 12/09/2019 08:147 PROTOCOLO-CÂMARA MUNICIPAL ARARAQUARA



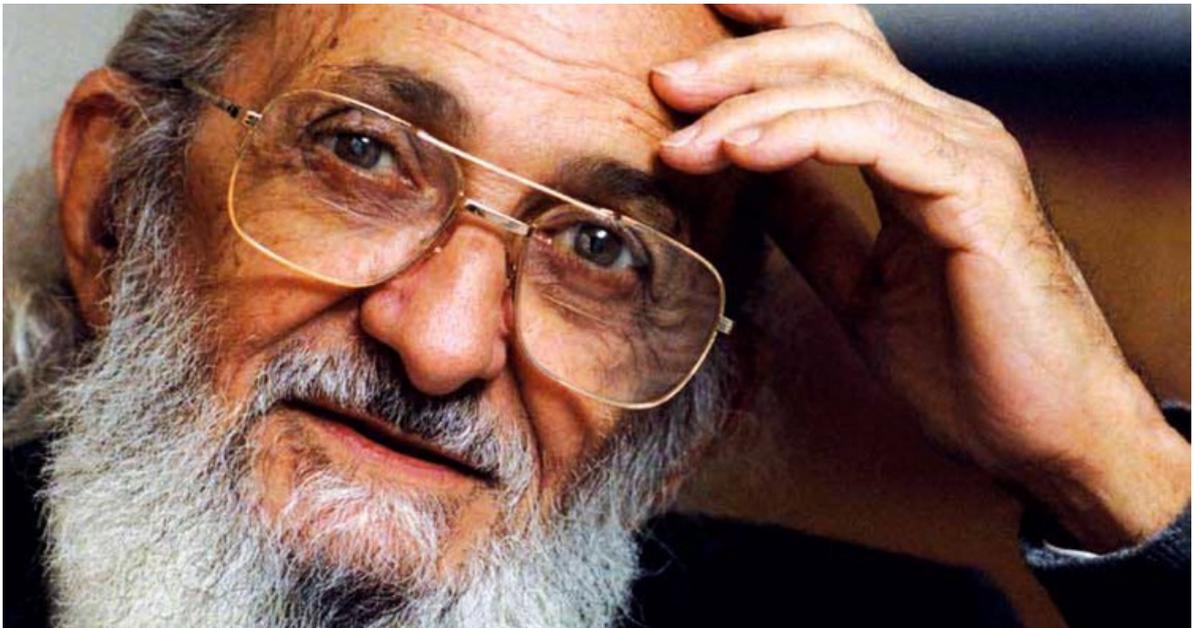
Blog Página Cinco

Seguir   

Categorias  Histórico  

Livro deixa claro por que truculentos e autoritários odeiam Paulo Freire

Rodrigo Casarin
04/09/2019 10h20



No recém-lançado "O Educador – Um Perfil de Paulo Freire", de Sérgio Haddad (Todavia), três fragmentos de ideias do mestre pontuam bem como ele encarava sua trajetória intelectual, suas conquistas e a

maneira que relacionava seu trabalho com a política. Primeiro, ao ser questionado pela Folha de São Paulo em 1994 sobre por que seu método não tinha dado conta de acabar com o analfabetismo no Brasil, respondeu:

"O analfabetismo poderia ter sido erradicado com ou sem Paulo Freire. O que faltou, centralmente, foi decisão política. A sociedade brasileira é profundamente autoritária e elitista. Para a classe dominante reconhecer os direitos fundamentais das classes populares não é fácil. Nos anos 60 fui considerado um inimigo de Deus e da pátria, um bandido terrível. Pois bem, hoje eu já não seria considerado inimigo de Deus. Você veja o que é a história. Hoje diriam apenas que sou saudosista das esquerdas. O discurso da classe dominante mudou, mas ela continua não concordando, de jeito nenhum, que as massas populares se tornem lúcidas".

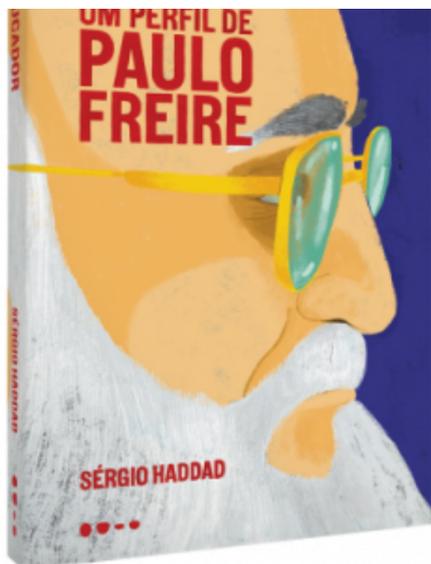
ACOMPANHE O PÁGINA CINCO PELAS REDES

SOCIAIS: [TWITTER](#), [FACEBOOK](#), [INSTAGRAM](#), [YOUTUBE](#) e [SPOTIFY](#)

No mesmo papo, ao ser perguntado sobre atrocidades cometidas por regimes comunistas, condenou o totalitarismo, mas reafirmou sua posição socialista e apontou um problema que, em teoria, o capitalismo passaria a ter após a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética:

"Um dos maiores erros históricos das esquerdas que se fanatizaram foi antagonizar socialismo e democracia. Por isso, a queda do muro de Berlim é uma espécie de hino à liberdade, muito mais do que um retorno ao capitalismo. A utopia socialista talvez nunca tenha tido uma oportunidade tão bacana quanto hoje, historicamente, para crescer. Porque, de agora em diante, o capitalismo já não pode dizer que a culpa de seus males é do comunismo. Ele tem que assumir a sua responsabilidade".





Enfim, em texto que viria a ser publicado em "Pedagogia da Indignação" (Paz & Terra), Paulo escreveu sobre o bárbaro ataque a Galdino Jesus dos Santos, indígena queimado vivo em abril de 1997 por cinco estúpidos em Brasília. No registro, falava da necessidade de levar a empatia e o amor àqueles que, eventualmente, estão de alguma forma distantes:

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a serem sérios, justos e amorosos da vida e dos outros".

Sociedade autoritária e elitista. Massas populares lúcidas. Utopia socialista. Opção progressista. Convivência com o diferente. Amor. Olhando para essas palavras de Paulo, não é difícil de imaginar por que o povo com a cabeça no quartel tem horror às suas ideias. A perseguição de hoje, no entanto, sequer original é. Há mais de 50 anos, acompanhando o trabalho do professor em Angicos, no Rio Grande do Norte, o general Castello Branco, que seria colocado na

presidência após o golpe militar de 1964, ficou preocupado. Via como subversiva aquela "pedagogia sem hierarquia" defendida pelo educador, acreditava que ela "serviria 'para engordar cascavéis nesses sertões", registra Haddad no livro. Não por acaso, Paulo seria perseguido, preso e exilado logo após o golpe, numa truculência contra sua figura que voltou a ecoar com força em nossos dias.

AMBICIOSO E AGRESSIVO: LIVRO RECONSTRÓI HISTÓRIA DE BOLSONARO NO QUARTEL

Mas deixemos os brutos um pouco de lado. Haddad, doutor em história e filosofia da educação pela USP, acerta ao abrir mão de uma daquelas biografias pretensiosas, que almejam a sempre impossível tarefa de dar conta de toda uma vida, para entregar ao leitor um perfil enxuto, que apresenta um bom panorama da principal faceta de seu personagem, como manda o figurino do gênero. Se alguém que só conhece o nome de Paulo Freire por conta das frequentes aparições na mídia pegar "O Educador" para ler, ao final terá uma boa ideia de quem foi – e, principalmente, do que fez e como fez – este que é um dos brasileiros mais respeitados da história. Vale muito mais a pena do que supostamente conhecê-lo pelo prisma das bolsoasneiras, garanto.

No livro, Haddad mostra como as ideias de Paulo sobre a educação se formaram e se transformaram ao longo do tempo, aprendendo a perceber o mundo além da sua própria ótica ao ouvir principalmente camponeses e operários. Rindo de quem o acusava de promover a lavagem cerebral, afirmava que "a essência da sua teoria pedagógica era alérgica a regimes totalitários", conta o autor. A aposta de Paulo era numa educação horizontal, não meramente impositiva, com participação ativa dos alunos e de suas famílias. Buscava formar cidadãos com espírito crítico independente.

Pelos anos 1950, levando em conta o momento do país e do mundo, Paulo indicava que havia uma oportunidade para que as grandes massas fossem incorporadas ao desenvolvimento nacional. "Para

tanto, era necessário que o povo, aquietado, passivo, acostumado a obedecer às autoridades – consequência da ausência de diálogo e da inexperiência democrática da sociedade brasileira – despertasse para a participação na cena pública", escreve Haddad, que prossegue um pouco adiante: "Ao analisar a escola brasileira, Paulo avaliou que havia nela uma tradição antidemocrática. Era uma escola distante da realidade dos pais e dos alunos, sem espírito solidário, marcada pelo individualismo e por uma metodologia em que a grande maioria dos professores ditava aulas, sem discutir ideias".

Balada Literária
Homenagem a
2019 Paulo Freire

XIV ANO - 4 a 8 de setembro
Em Salvador: de 21 a 25 de agosto
Em Teresina: dias 27 e 28 de agosto

Após a perseguição dos militares, Paulo se exilou na Bolívia e no Chile. Nesses países também sofreu com as truculências que abalaram a América Latina nas décadas de 1960 e 1970. Seguiu, então, para o mundo. Resistiu à ideia de se mudar para os Estados Unidos; não queria viver no que apontava como a matriz do imperialismo. Dissuadido pela mulher, na experiência norte-americana se deparou com os problemas dos pobres, negros e hispânicos. Lidando com o racismo, a discriminação e o desprezo aos imigrantes, constatou que "havia um Terceiro Mundo dentro do Primeiro Mundo", como aponta Haddad. Já em países da África revolucionária, encontrou dificuldades para alfabetizar populações que desconheciam a língua escrita.

**PESQUISA APONTA PERFIL DOS ESCRITORES E
CONFIRMA DIFICULDADE PARA MULHERES**

Há também os momentos com pormenores sempre bem-vindos. Na Suíça, pedia caixas de Sonho de Valsa aos amigos. Preferia os bombons brasileiros aos famosos chocolates locais, bem como o queijo minas ou coalho aos badalados queijos suíços. Na infância, foi alfabetizado pelos pais usando gravetos para cunhar as palavras no chão de terra. E, no período preso pelos militares, travou na leitura de "Grande Sertão: Veredas". Ao se queixar a um companheiro de cela, disse que tivera dificuldades com o estilo, a escolha das palavras e o regionalismo da obra-prima de Guimarães Rosa. Generoso, o colega lhe apontou alguns macetes para encarar o texto do escritor mineiro. Uma prova de que até os grandes mestres sempre têm muito a aprender.

Balada Literária

Paulo Freire é também o homenageado da 14ª edição da Balada Literária, que chega hoje a São Paulo após passar por Teresina e Salvador. Idealizado por Marcelino Freire, o evento vai até o domingo, dia 8, e reunirá dezenas de artistas para shows, saraus, mesas de discussões e bate-papos em lugares como Livraria da Vila (Vila Madalena), Biblioteca Mário de Andrade, Casa de Francisca e Mercearia São Pedro. Dentre os convidados, gente como Amara Moira, Ricardo Aleixo, Alice Ruiz, Marcelo Rubens Paiva, os portugueses Valter Hugo Mãe e Patrícia Portela, Ana Maria Araújo Freire, viúva de Paulo, e o próprio Sérgio Haddad, autor de "O Educador".

A abertura acontece nesta quarta, 4, às 20h, no Sesc Pinheiros, com apresentação da Companhia do Tijolo. Depois haverá a festa "Todo Mundo Vip" na Confraria Nossa Casa, com participação do Coletivo do Sol e dos poetas Nelson Maca e Élio Ferreira. [Mais informações e toda a programação estão aqui.](#)

Você pode me acompanhar também pelas redes sociais: [Twitter](#), [Facebook](#), [Instagram](#), [Youtube](#) e [Spotify](#).



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA
COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO

PARECER Nº 422 / 2019

Por meio do presente Requerimento nº 1343/2019, pretende a Vereadora Thainara Faria que passe a integrar os Anais da Câmara Municipal de Araraquara a matéria publicada no "Blog Página Cinco – UOL", no dia 4 de setembro de 2019, sob o título "Livro deixa claro por que truculentos e autoritários odeiam Paulo Freire".

A matéria se enquadra no disposto pelo Artigo 211-A do Regimento Interno desta Casa de Leis.

Esta comissão é favorável à inserção requerida.

É o parecer, s.m.j.

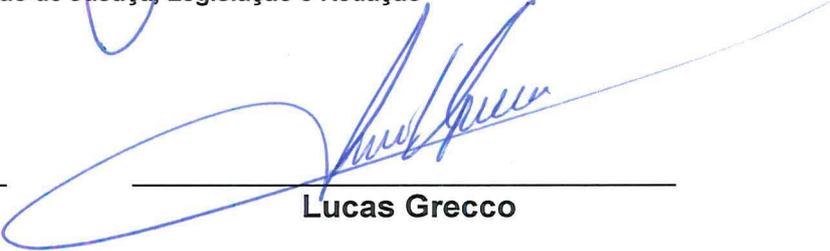
Sala de reuniões das comissões, 20 SET. 2019



Paulo Landim

Presidente da Comissão de Justiça, Legislação e Redação

José Carlos Porsani



Lucas Grecco